



O fenômeno CMI: espaço - local - democracia e os novos Centros de Mídia Independente*

John Downing

Resumo: O nascimento e a crescente difusão global dos Centros de Mídia Independente (CMIs), que surgiram com as demonstrações anti - OMC ocorridas em Seattle em 1999, agora encontram-se espalhados pela Europa, Américas e vários outros lugares. Eles se apresentam como uma instância tão inovadora quanto fascinante do uso das TICs para, simultaneamente, transcender às limitações do espaço e concentrar movimentos anti-globalização num local de contestação específico e, ao mesmo tempo, transformá-lo num momento chave para a democracia global. Este artigo focalizará esses três aspectos do fenômeno, ilustrando-os com os eventos da cidade do Quebec em abril de 2002 em torno da conferência da ALCA.

Palavras-chave: Mídia - TICs - CMIs

Abstract: The birth and growing global diffusion of these Centers (IMCs), which started with the anti-WTO demonstrations in Seattle in 1999, but are now spread quite widely across Europe, the Americas and elsewhere, present an instance as innovative as it is fascinating of the use of ICTs to - simultaneously - transcend space limitations and concentrate anti-globalization movements in a specific contestatory site, and at the same time to turn this into a key moment for global democracy. This paper will focus on these three aspects of the phenomenon, illustrating them in part from the events in Québec city in April 2001 around the FTAA conference.

Key words: Media - ICTs - IMCs

Resumen: El nacimiento y la creciente difusión global de los Centros de Medios Independientes (CMIs), surgidos con las demostraciones anti-OMC ocurridas en Seattle el 1999, pero ahora bien desplazadas por Europa, Américas y varios otros lugares, presentan una instancia tan innovadora como fascinante del uso de las TICs para — simultáneamente — trascender las limitaciones del espacio y concentrar movimientos anti-globalización en un local de contestación específico y al mismo tiempo cambiárselo en un momento clave para la democracia global. El artículo pone en foco esos tres aspectos del fenómeno, ilustrándolos en parte con dos eventos en la ciudad de Quebec en abril del 2002 en la conferencia del ALCA.

Palabras clave: Medios - TICs - IMCs

John Downing, Ph.D., é professor na Universidade do Texas em Austin (EUA).

Publicou no Brasil o livro *Mídia radical*, pela Editora Senac.

* O artigo foi traduzido do Inglês por Aliandra Raquel L. Barlete e Joseline Pippi.

Introdução

¹ As informações sobre os CMIs deste trabalho foram retiradas do sítio eletrônico www.indymedia.org e seus enlaces.

Iniciarei trazendo um breve histórico do fenômeno chamado Centros de Mídia Independente — *IndyMedia*¹ —, desde seu início em Novembro de 1999 até os protestos em Gênova, Itália, em Julho de 2001. Em seguida, apresentarei alguns comentários sobre o que acredito ser a importância e o interesse consideráveis desses centros enquanto estudo de caso do uso das TICs dentro da corrente disputa contra as formas capitalistas de globalização. Digo formas “capitalistas” porque outras formas menores de globalização — por exemplo, ações solidárias de direitos humanos, intercâmbios de alunos, traduções de literatura e drama, desenvolvimento de múltiplas versões da língua inglesa, frentes ambientalistas internacionais — são aceitas, enquanto que os Programas de Ajuste Estrutural (*Structural Adjustment Policies*) e a ganância das instituições internacionais são rejeitadas, contestadas e substituídas por prioridades pró-humanas.

Iniciando por Seattle, havia em torno de 80 CMIs operando, predominantemente nos Estados Unidos (31), Canadá (9), Europa (16), e América Latina (6) em junho de 2002. O clima de “Primeiro Mundo” é evidente nesta primeira fase, mas já na data mencionada, os CMIs da Argentina, Brasil, Índia, Israel e Palestina eram bem ativos (DOWNING, 2003).² Há, também, nas páginas web dos CMIs que eu tenho estudado, atenção intensiva às questões de desenvolvimento e economia política internacional, bem como a freqüente cobertura de assuntos importantes a trabalhadores migrantes, refugiados e pessoas de cor.

Os Centros de Mídia Independente tomam forma

As mídias radicais de vários tipos foram extremamente importantes na promoção dos protestos contra a OMC realizados em Seattle no final do século passado. Para o jornalismo dominante parecia, freqüentemente, que os oposicionistas tinham se materializado do nada. Mas, conforme notou o repórter Geoff Parris do *Seattle Weekly*, num artigo datado de 11/9/99, os preparativos iniciaram muito antes, quando vários grupos de metalúrgicos dos EUA reservaram 1000 quartos de hotéis próximos a regiões de metrô, para 700 grupos internacionais que tinham se inscrito como ativistas no movimento *Citizens Trade Campaign* (Campanha Cidadã pelo Comércio Justo) para agricultores, organizações religiosas, ecológicas e que promovem a paz.³

²DOWNING, John. Independent Media Centers as communication nodes in global democratic movements against transnational corporate trade policies. In: OPEL, A.; POMPPER, D. (eds.). *Representing resistance: media, civil disobedience and the anti-globalization movement*. Florida: Greenwood Press, 2003.

³ No entanto, é discutível que o momento crucial tenha ocorrido dois anos antes, quando as manifestações no Canadá em abril de 1998, alimentadas pelo ativo debate público por mais de um ano antes ao evento *Maclean's Canadian*

Forum e em outros lugares, derrubaram as escadas e forçaram o Acordo Multilateral em Investimento (*Multilateral Agreement on Investment-MAI*) em armazenamento frio. Os originais do planeamento de MAI eram o maior exemplo da política neo-liberal global que muitos em torno do mundo viram como subversivo da autonomia nacional em matérias econômicas, culturais e políticas vitais.

A freqüente pressão dos grupos simpatizantes e não-simpatizantes dos processos de Seattle para o uso das TICs para previamente intermediar, mobilizar e registrar os protestos naquela época e, nos meses subsequentes, difundir perspectivas radicais nos protestos, tendiam a atribuir às TICs uma efetividade quase mágica (o fetichismo das tecnologias de comunicação implícito na atribuição do seu único papel causal na emergência do Nazismo ao poder é muito mais antigo, mas é caso paralelo à questão).

Entretanto, a capacidade dos sítios eletrônicos dos CMIs de veicular áudio e vídeo de uma massa de ativistas da mídia independente tomando as ruas de Seattle, e depois editar esse material em documentários, teve impacto considerável na época e também nos meses e anos seguintes.⁴ A difusão pela web desses materiais simultaneamente aos eventos caracterizou também um poderoso uso da tecnologia digital na demonstração da realidade desafiadora dos manifestantes. Mas, concomitante a isso, é vital enfatizar a característica relativamente comum da operação midiática. Essa prática era social e tecnicamente nova para alguns espectadores, mas os movimentos de filme e fotografia dos anos 20 e 30 na Alemanha e nos EUA⁵ (citando apenas dois países), estavam igualmente comprometidos em conseguir se infiltrar nos movimentos políticos e demonstrações de protesto, mais do que filmá-los atrás das barreiras policiais como tipicamente fazem os jornalistas. Dessa forma, muito freqüentemente se posicionavam nas suas audiências em meio às forças do Estado, como parte daqueles que protestam (dada a característica seguidamente repressiva das estratégias de controle da polícia, alguém poderia entender a relutância dos editores em insistir que seus repórteres se posicionem em pontos onde a polícia poderia atacá-los).

⁴ Como *Showdown in Seattle* (Indymedia, 2000) e *This is What Democracy Looks Like* (Big Noise Production, 2000), que viajaram o comprimento e largura dos EUA e Canadá, e também extensamente em outros países europeus e anglófonos. Outros exemplos são *Breaking the Bank*, um documentário da Paper Tiger TV sobre o protesto de abril em 2000 em Washington DC; *The Autumn of Praha*, o documentário do CMI belga sobre o confronto de Praga, e *It didn't start in Seattle, it won't end in Québec*. Não começou em Seattle, não vai terminar em Québec, na época dos protestos duplos nas cidades de São Paulo e Québec contra a Alca, no Primeiro Encontro das Américas em abril de 2001.

Em outras palavras, esses usos das TICs como mídia radical (DOWNING, 2001)⁶ ou mídia dos cidadãos (RODRÍGUEZ, 2001)⁷ foram extremamente construtivos no processo de auxílio à construção de um movimento contestatório. No seu emprego, vemos uma fusão do velho e do novo - a difusão pela web, aproveitada nesses fins e nesta escala, era novidade. O uso do e-mail para unir os indivíduos e grupos nos meses anteriores ao confronto de Seattle foi intensivo, mas tem sido uma característica da rede *PeaceNet* e muitas outras redes progressivas dos EUA por uma década ou mais, sendo um bom número delas aloquadas no *Institute for Global Communication* (Instituto para Comunicação Global) (DOWNING, 1989; FORD & GIL, 2001).⁸ A editoração simultânea ao segmento de diferentes videoteipes filmados por uma variedade de cinegrafistas politizados era uma

⁵ ALEXANDER, William. *Film on the Left*. Princeton University Press, 1981; 10 10
MATTELART, Armand; Siegelaub, Seth. (eds.). *Communication and class struggle*. 2 ed. Bagolet, Nova Iorque: International General, 1983. p. 174 – 181.

⁶DOWNING, John. Computers for political change: PeaceNet and Public Data Access. *Jurnal of Communication*, v. 3, n. 39, p. 154-162, 1989.

⁷ RODRÍGUEZ, Clemencia. *Fissures in the mediascape*. Cresskill, NJ: Hampton Press, 2001.

⁸DOWNING, John. *Radical Media: rebellious communication and social movements*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001. Edição brasileira: *Mídia radical: rebelião nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: SESC, 2002.

FORD, Tamara; GÈNEVE, Gil. Radical Internet uses. In: Downing, J. *Radical media: rebellious communication and social movements*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001. p. 201-234.

⁹STEIN, Laura. Access television and grassroots political communication in the United States. In: Downing, J. *Radical media: rebellious communication and social movements*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001. p. 299 – 324.

prática que já tinha sido realizada pelo projeto da TV *Deep Dish Satellite* dos anos 80 como, por exemplo, na cobertura da crise de Aids, dos protestos contra a Guerra do Golfo de 1990 — 1991 e outros temas (STEIN, 2001).⁹ O corrente uso do website para manter ambas fontes de informação e hiperlinks era um padrão familiar, mas sua utilização para promover um diálogo contínuo refletindo lições políticas e revisando estratégias futuras foram novas e extremamente importantes para contribuir com a memória política e para o desenvolvimento de novas estratégias políticas.

Não que os *bulletin boards* e outras formas de *chat* fossem novos para os movimentos contestatórios. A novidade era a combinação de tecnologia com uma reflexão sobre estratégias organizacionais e armadilhas arranjadas. Isso prometia reinstalar gradualmente uma memória coletiva de experiências acumuladas com movimentos políticos largamente apagados nos EUA durante os prévios 50 anos pelo McCartismo, pós-II Guerra Mundial, a espontaneidade de muitas oposições estudantis contra a guerra no sudeste asiático e o engessamento de muitas uniões de trabalhadores e redução do seu *staff* permanente. Recriar um corpo de experiência compartilhado e inserir-se nas estratégias e táticas de organização foi decididamente uma nova contribuição habilitada pelas TICs.

No Encontro das Américas, realizado em abril de 2001 na cidade do Quebec, as autoridades gastaram aproximadamente 30 milhões de dólares para conter de 50 a 80 mil manifestantes. Uma cerca de metal medindo três metros foi construída em volta do local onde os chefes de Estado estavam se encontrando com vistas a manter os manifestantes distantes. Os níveis de violência policial foram extremamente altos, com cilindros de gás lacrimejante a vários graus Celsius usados diretamente como projéteis, freqüentemente à queima-roupa, junto das chamadas “balas de borracha” (projéteis de aço revestidos por uma fina camada de borracha). É imprescindível constatar que a vasta maioria dos presentes saiu totalmente comprometida com um protesto pacífico, e que os altamente temidos *Black Bloc* que atacaram o patrimônio não atacaram as pessoas.

A violência vinha do Estado, em favor daqueles que se encontravam atrás da cerca de metal, e o *Riot Act* foi invocado arbitrariamente invocado, sem sanção judicial, contra a Carta Canadense de Direitos e Liberdades que, de outra forma, teria tornado inconstitucional a repressão policial (simultaneamente a este confronto contra a Alca, ocorreu outro em São Paulo, onde o nível de violência policial foi também extremamente alto: 100 feridos, 30

violentamente agredidos numa delegacia de polícia... e o comandante policial recebeu uma condecoração por seus serviços).

Em Gênova, julho de 2001, 100 mil pessoas de diferentes convicções políticas voltaram a protestar contra o encontro do G8 e suas políticas trazendo consigo várias alternativas para o desenvolvimento econômico global. Suas idéias encontraram 20 mil policiais armados, carros blindados e a tecnologia usual de repressão. Um manifestante foi baleado, muitos outros seriamente feridos. Durante a madrugada de sábado, a polícia invadiu o escritório de imprensa do CMI Italiano¹⁰ em Gênova, e o prédio de uma escola em frente que estava temporariamente abrigando o Centro de Convergência das demonstrações, usando a desculpa padrão de estarem caçando terroristas. Eles atacaram violentamente os que estavam nos prédios por 45 minutos, deixando marcas de sangue em todo o local. Mais tarde, vinte ou mais indivíduos foram conduzidos ao hospital em macas. Os policiais levaram minidiscos, fitas de vídeo, e discos rígidos de computadores pertencentes aos advogados do movimento, os quais continham todos as transcrições dos relatos nas demonstrações, além de destruírem três computadores. Eles também forcaram uma micro-estação de rádio do movimento, a *Radio Gap* (que tinha se estabelecido na escola), a interromper temporariamente as transmissões. Somente quando um deputado de esquerda do parlamento italiano disse à polícia que ela não tinha nenhum direito legal de entrar no prédio eles foram embora.

O episódio demonstra claramente como são perigosos os protestos pacíficos e a comunicação contra-hegemônica pacífica para os governantes que instruem suas forças policiais. Obviamente, isto pode ser paranóia da parte deles. Talvez os manifestantes que usaram as TICs para mobilizar a comunicação e providenciar fontes de informação sejam apenas uma multidão de pessoas confusas que órgãos como o *The Economist*, o *The Wall Street Journal*, ou o *Frankfurter Allgemeine* retrataram, da mesma forma que enfocaram a repressão como um simples excesso italiano, entusiasmo mediterrâneo... mas que dificilmente explicaria o alvoroço na cidade de Quebec.

Local, espaço, democracia e os CMIs

Após ter feito essa breve descrição do movimento global Centro de Mídia Independente, gostaria de enfocar alguns detalhes dos conceitos abordados, os quais acredito sejam de considerável importância. Trata-se das ligações entre local, espaço

¹⁰ Fundado em Bolonha em junho de 2000, quando dos manifestos contra um encontro do OCSE (Serviço para o Sustento de Menores) naquele local.

e democracia na era do poder corporativo transnacional.

Nenhum desses três termos possuem um significado pleno e consensual. David Harvey (1993, p.4)¹¹ observou que “*lugar* deve ser uma das palavras mais multifacetadas e multifuncionais da nossa língua.” Agnew (1993, p. 263)¹² propôs que diferenciássemos entre “*local*, a posição onde as relações sociais são constituídas...; “*localização*, os efeitos sobre os locais de processos sociais e econômicos operando em escalas maiores; e *senso de lugar*, a estrutura do sentimento local.”¹³ *Espaço* é um dos atuais modismos, juntamente com *identidade*, *esfera pública*, e *tecnologias do poder*, sendo, portanto, carregado com uma massa de imprecisão discursiva. O frequentemente citado termo de Castells¹⁴ *espaço de fluxo* é um caso em que o termo é simultaneamente empregado para denotar categoria de comunicação e substituição. Por agora, eu simplesmente gostaria de salientar uma das asserções do argumento de Lefebvre (1991),¹⁵ no qual o espaço não é um fato geológico mas socialmente produzido e organizado, é a atual esfera de lutas entre as classes sociais. A última, mas não menos importante, ‘democracia’ é aclamada por todos, de Jerry Springer a Vladimir Putin. Dificilmente é preciso dizer acerca dessa potencial obscuridade.

Proponho aqui basear-me nas definições de democracia de Agnew, nas definições de Lefebvre e Soja (1989)¹⁶ sobre o espaço como uma relação constante e dialética com o tempo e a história, e com um movimento processual e social (se você preferir, anárquico) mais do que formal. Tomando essas perspectivas como muito gerais, deixe-me examinar as dimensões espaciais dos CMIs e a luta por democracia no que atualmente seria um planeta das companhias multinacionais.

Durante a década passada, vários comentaristas afirmaram que a Internet, como outras tecnologias de comunicação eletrônicas, serve para cancelar o espaço e condensar o tempo. Aqueles influenciados pelas teorias de comunicação canadense de Innis e McLuhan têm sido particularmente propensos a fazê-lo, vendo as tecnologias digitais como uma nova espécie de prótese comunicativa. Gostaria de propor que ao menos no caso do uso das TICs pelos CMIs, esta interpretação torna-se insuficiente. Falta o reconhecimento da importância do local e do espaço *em conjunção com o tempo* — e o potencial do espaço físico das TICs.

Em diversas situações (Quebec e Gênova são exemplos óbvios), fechar o acesso ao local onde os governantes estavam reunidos por uma cerca ou uma barricada tinha dimensões física e

¹¹HARVEY, David. From space to place and back again: reflections on the condition of postmodernity. In: BIRD, J.; CURTIS, B.; PUTNAM, T.; ROBERTSON, G.; Tickner, L. (eds.). *Mapping the futures: local cultures, global change*. New York: Routledge, 1993. p.4-29.

¹²AGNEW, John. Representing space: space, scale and culture in social science. In: Duncan, J. & Ley, D. (eds.). *Place/Culture/Representation*. London: Routledge, 1993. p. 251 – 271.

¹³ O termo remete diretamente a WILLIAMS, Raymond. *Marxism and literature*. Oxford: OUP, 1977. (p. 128 – 135).

¹⁴ Castells, Manuel. *The rise of the network society*. Oxford: Blackwell, 1996.

¹⁵ Lefebvre, Henri. *The production of space*. Oxford: Blackwell, 1991.

¹⁶Soja, Edward. *Postmodern geographies: the reassessment of space in critical social theory*. Londres: Verso, 1989.

espaciais simbólicas. Os manifestantes queriam reclamar as ruas como esfera pública, os governantes queriam se fechar, uma negação muito tangível da possibilidade de diálogo ou sequer argumento.

O segundo ponto a estabelecer é a maneira pela qual os CMIs apareceram de repente, a princípio virtualmente, como um resultado de protesto particular num *local particular* contra poder corporativo e seus abusos. Desde Seattle (a OMT) a Washington DC (o Banco Mundial), a Windsor, Ontario (a OEA) a Quebec (a Alca), a Gênova (G8), e numerosos outros lugares pelo caminho, a tradicional manifestação de rua se constituiu na expressão fundamental da oposição. Essa manifestação consiste geralmente de uma coalizão de grupos locais e regionais com interesses e prioridades um tanto diferentes — “Teamsters and Turtles” como dizia o slogan de Seattle, ou seja, tradicionais uniões e ambientalistas — cuja preparação para o protesto tipicamente confiou numa medida significante às TICs para mobilizar os ativistas.¹⁷ Portanto, há a combinação de local e telecomunicação. O local, obviamente, nunca foi escolhido pelos movimentos, mas sim pelos governantes, cujos atores principais aglomeraram-se pelo planeta de lugar em lugar, nas suas sagradas deliberações para o nosso bem, através dos melhores esforços de *chefs* de cozinha, donos de adegas e prostitutas pelo mundo afora.

Estes atores principais precisam reunir-se pessoalmente. Como os protestos têm perseguido seus passos, logo seu planejamento teve de considerar como se encontrar sem essa incrível amolação dos manifestantes, presença policial em massa, obsessão por segurança, e o consequente foco da atenção global no seu trabalho necessariamente privado atrás da *iconostasis*. Doha, Catar, foi a solução para uma reunião; uma montanha remota na província canadense de Alberta foi apontada como outra.

No entanto, eles têm que se preocupar com mais do que simplesmente a demonstração, com sua inevitável quota de violações de direitos humanos pela polícia e prisões, até mesmo incluindo fatalidades. Isso logo se torna arraigado na definição de poder corporativo nas mentes de muitos que jamais sonhariam em manifestação, ou estão em outros lugares inacessíveis às manifestações. Isso acontece através das pessoas coletando informações de fontes alternativas da web ou tendo copiado por amigos e associados com preocupações similares. Os CMIs e seus múltiplos *hiper links*, além dos enlaces dos grupos de ambientalistas, direitos humanos, trabalho, feministas, religiosos e de comunidade aos CMIs, são o primeiro passo neste processo

¹⁷ Isso não é para diminuir as contribuições dos indivíduos vindo de longe e até de outros países para Seattle e os locais das manifestações subsequentes, mas a vasta maioria de manifestantes era da cidade ou da região.

contra-hegemônico.

Além disso, suas exposições da organização da violência repressiva de estado em estado, de local em local, em resposta aos manifestantes — uma violência tipicamente danosa a todos os manifestantes, mesmo que pacíficos — propõem destruir as noções de um governo do povo e para o povo. A ficção de um estado de lei para todo o público é subvertida em favor do reconhecimento de ilegalidades informadas.

Assim, o pós-vida desses eventos — seja via enlaces da web ou documentários de vídeos, artigos de jornais e revistas (mesmo os dismissivos), que acumulam capítulo por capítulo, onde quer que aconteça uma reunião, e que estivesse disponível não somente onde o inglês pudesse ser lido, mas também gradativamente em alguns outros idiomas globais, como francês e espanhol — é esta acumulação pós-vida que perturba diretamente as multinacionais e as oligarquias de negócios. Apenas após o colapso tardio do sistema soviético e a precipitação para um capitalismo degolador na China os assegurou que eles eram realmente os únicos no jogo, e que poderiam relaxar, logo após o ‘fim da história’, deixando para trás os novos movimentos anti-capitalismo global.

Os CMIs, situados de local em local, e parte do coro comunicativo desses movimentos tendem a desenvolver-se simultaneamente em duas escalas, focalizando as questões locais e regionais as quais culminam num “senso de lugar”, mas também sobre os parâmetros globais dessas questões, ambas no seu efeito sobre o próprio local dos CMIs e nas suas repercussões internacionais (direito de propriedade intelectual e patentes de sementes agrícolas, por exemplo). Não somente esses, mas também sobre cada novo local onde o poder das multinacionais é contestado, da Austrália à República Tcheca.

Assim, tem sido criada uma rede multi-centrada que possibilita a comunicação e a informação a circular e agir com quase os mesmos níveis de difusão que as companhias multinacionais têm. Não temos agências globais correspondentes contemplando de qualquer forma os povos das nações mundiais, formando cidadãos pelo planeta — ao menos aqueles com acesso às quatro ou cinco línguas correntemente usadas internacionalmente — com esse acesso à informação, e com a oportunidade de debater sobre isso, exceto os CMI. Mesmo que recentes, eles constituem uma grande contribuição para expandir internacionalmente a democracia.

Até agora as principais instituições internacionais com alguma remessa contra-hegemônica têm sido as uniões de trabalhadores, mas todas freqüentemente têm padecido de uma definição econômica muito limitada e estrita de opções e estratégias, bem como de um alargamento burocrático de artérias. Assim, a oportunidade de dividir informação, de existir uma esfera pública internacional, tem sido muito restrita. Tecnicamente, os velhos partidos comunistas e socialistas poderiam ter cumprido esse papel no século anterior mas os primeiros se concentravam frequentemente em tarefas diplomáticas em Moscou ou Beijing, e os segundos estavam tão desesperados para conquistar logo o meio eleitoral que se dirigiam cada vez mais para a direita (Blair, González, Schröder). Assim, a *Socialist International*, embora ainda existente, é tal qual uma caricatura de dinossauro.

Conclusão

A necessidade de ação democrática internacional, portanto, tem sido vasta. Os CMIs estão longe de conseguí-lo. Porém, eles até agora têm preenchido os papéis de modo inovador e estimulador o que, de alguma forma, irá quase certamente persistir, mesmo se ainda há outras maneiras a serem desenvolvidas. Sua aplicação do potencial das TICs é uma das melhores histórias do novo milênio. Mas os momentos bons da maioria deles estão em locais particulares, e essa é a estrutura de sentimento nestes locais, os quais os mantêm fundamentalmente em ação, o que o globalismo puro e digitalização desconexa não conseguiriam.